



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

## ***Captura Críptica:* direito, política, atualidade**

---

Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito  
da Universidade Federal de Santa Catarina

*Captura Críptica: direito, política, atualidade.*  
Revista Discente do CPGD/UFSC  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Centro de Ciências Jurídicas (CCJ)  
Curso de Pós-Graduação em Direito (CPGD)  
Campus Universitário Trindade  
CEP: 88040-900. Caixa Postal n. 476.  
Florianópolis, Santa Catarina – Brasil.

# ***Expediente***

---

## **Conselho Científico**

Prof. Dr. Jesús Antonio de la Torre Rangel (Universidad de Aguascalientes - México)  
Prof. Dr. Edgar Ardila Amaya (Universidad Nacional de Colombia)  
Prof. Dr. Antonio Carlos Wolkmer (UFSC)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jeanine Nicolazzi Phillippi (UFSC)  
Prof. Dr. José Antônio Peres Gediel (UFPR)  
Prof. Dr. José Roberto Vieira (UFPR)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deisy de Freitas Lima Ventura (IRI-USP)  
Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho (UNISINOS)

## **Conselho Editorial**

*Ademar Pozzatti Júnior (CPGD-UFSC)*  
*Carla Andrade Maricato (CPGD-UFSC)*  
*Danilo dos Santos Almeida (CPGD-UFSC)*  
*Felipe Heringer Roxo da Motta (CPGD-UFSC)*  
*Francisco Pizzette Nunes (CPGD-UFSC)*  
*Leilane Serratine Grubba (CPGD-UFSC)*  
*Liliam Litsuko Huzioka (CPGD/UFSC)*  
*Luana Renostro Heinen (CPGD-UFSC)*  
*Lucas Machado Fagundes (CPGD-UFSC)*  
*Marcia Cristina Puydinger De Fázio (CPGD-UFSC)*  
*Matheus Almeida Caetano (CPGD-UFSC)*  
*Moisés Alves Soares (CPGD-UFSC)*  
*Renata Rodrigues Ramos (CPGD-UFSC)*  
*Ricardo Miranda da Rosa (CPGD-UFSC)*  
*Ricardo Prestes Pazello (CPGD-UFSC)*  
*Vinícius Fialho Reis (CPGD-UFSC)*  
*Vivian Caroline Koerbel Dombrowski (CPGD-UFSC)*

Captura Crítica: direito política, atualidade. Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito. – n.2., v.2. (jan/jun. 2010) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010 –

Periodicidade Semestral

ISSN (Digital) 1984-6096

ISSN (Impresso) 2177-3432

1. Ciências Humanas – Periódicos. 2. Direito – Periódicos. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Jurídicas. Curso de Pós-Graduação em Direito.

---

*Do Alto e do Baixo da Bela Vista*

---

*Paulo César Corrêa Linhares\**

### **Parte I – Do Alto da Bela-vista**

Aos olhos comuns, o espaço em que se ambienta esta história, genericamente, poderia ser qualquer um desses vários submundos que a cidade conhece e faz questão de esquecer. E até pelo dizer do poeta, eu-narrador, “é tirar raça, cor e credo/ e genté gente, minha gente”. Mas, hoje, dispenso o verso que não me compraz. Qual sentido de me ater a outro lugar, se é só no Alto da Bela-Vista, onde a vista é nada bela, que nos mora Dona Graça, mãe da menina Isabela?

O Alto da Bela-Vista é um bairro relativamente novo, fora povoado tem volta de um século por uns parentes de Dona Graça, ex-lavradores da baixada – assim o digo porque, naquela época, todo mundo se dava por parente, e se não era mesmo, era aderente, que no final das contas fazia a mesma coisa: metia o dedo no caldo do compadre. O fato é que, por essa data de fundação (de fundamento necessidade), o Alto da Bela-Vista, mais pra só um terrenão do outro lado da cidade, ainda bem atendia às necessidades mais imperiosas daquela gente - comportava um quintalzinho dois pés de mandioca e meia dúzia de galinhas.

O problema foi que, quando a parentada toda veio se acomodando pelas bandas do Alto, trouxe mulher, prole e mala cheia de discurso pronto. A situação por lá tava braba, dotô, aqui fazemo de tudo um tudo, é só mandar. Os primeiros até deram sorte. Os doutores da cidade, realmente, precisavam de uns “faz tudo” e, também, de umas meninas pra cuidar da casa, da cozinha, das crianças... Só que não tinha era doutor pra todo mundo. Mesmo assim, foi chegando parente que só Deus dá conta de dizer como fez pra repartir tantas vezes os quintaizinhos. Pra piorar, assim como sucedeu com Maria das Graças,

---

\* Acadêmico do Curso de Graduação em Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e escritor dos blogues literários “Os Salvadores Daqui” e “Metalingüisticamente Falando”.

a bebê futura Dona mãe de Isabela, pegou a moda de ir nascendo tantas outras Marias – cada vez menos virgens que a Nossa Senhora - que desse processo todo o Alto ficou meio apertado.

E digo GRAÇAS! aquela velharada da fundação já estar enterrada e de osso branco. Imagine o desgosto: depois de terem dito bela a vista daquele outro lado da cidade, passaram o tempo, a cidade velha e seus doutores, e o Alto ainda é ‘outro lado da cidade’. Nem mais a vista inspira - daquela época dantes, ficaram só as ruelas com pavimento de chão de terra pedregulhada, sequer motivo de se orgulhar. Os quintaizinhos, como disse, foram se repartindo tanto que o Alto virou um amontoado de casebres espaço de nada, quase caindo um por cima do outro. Pra me poupar a narração, não sendo pedir demais, faço um novo apelo aos senhores: acrescentem falta, de um tudo.

Era tanta gente pra multiplicar por problema que até Deus se complicava. Se continuasse aquela coisa de todo mundo aparentado, não tardava descer mandamento dizendo pecado tio dar a bença a sobrinho e afilhado – ora, no fim o palavreado é sempre o “Deus te abençoe”. Pra sorte e descanso do Divino (não atribua a ele, pelo amor!), foram nascendo uns meninos meio ‘mal-educados’, que de aderentes tinham só a própria vontade e que parentes consideravam os de casa, e olhe lá. O hábito de tomar a bença se perdeu. Isabella nasceu mais ou menos por aí. Por família, ela e Dona Graça, dona Graça e ela.

## **Parte II – Do baixo da vista de Bela**

Devo admitir aos senhores que um tanto acua a responsabilidade que sobre mim recai. Ainda agora era o Alto da Bela-Vista o centro da nossa falação e de um capítulo ao outro já ousamos dizer da vista de Isabela. Virar menina-moça, assim, como se vira uma página não deve ser fácil pro narrador e, então, num instante antes de começar a contar a história, não penso outra: deve dar que só dá canseira!.

Isabela era filha única de mãe só. Coisa rara no Alto. A parte de ser filha única, claro, não a outra. Como a maioria das vizinhas, Dona Graça também era solteira. E desde quando nesse mundo homem prestou? Graça vivia enchendo a boca pra dizer que tinha criado Isabela sem dinheiro de ‘macho’ nenhum. Agora

que os quadris de Isabela se haviam alargado e seus seios rijos brotavam com uma graciosidade só, Graça era o próprio orgulho. Quem conheceu dizia que Isabela muito se assemelhava à Graça na boa fase da mocidade – isso foi antes de sucumbir às lábias do forasteiro que lhe deixou prenha.

Todo cedo do dia, antes de sair de casa, Graça repetia seu já afirmado rito cotidiano: deixava ordem de juízo à Isabela junto com as tarefas de casa. Engraçado ver como isso se dava. Não se esquece de varrer a casa, lavar as louças e tomar juízo. Como o dito vinha desse jeito misturado e sem muita distinção de importância, Isabela, do alto de sua inocente sagacidade, se dava a liberdade de entender como Graça assim dizia. Numas vezes se esquecia de lavar as louças; noutras, o preterido era o juízo. Ei, contudo, de defender Isabela. Não o fazia por mal, só se deixava levar pela euforia de menina.

Dia de sexta-feira era quase que regra a esticada na praça depois da aula. Na falta de um shopping ou algo do tipo pelas bandas do Alto, não custava de nada, afinal, era logo ali de casa... Em lugar do ar-condicionado, o solzinho fim-de-tarde, da praça de alimentação, as banquinhas de cachorro-quente. Bem verdade que, detrás da quadra – sucateada por demais, diga-se – havia sempre um grupo conhecido de meninos ‘mal-educados’ fazendo fumaça densa, mas não mexiam com ninguém das redondezas nem estragavam o passeio alheio. Às sextas, a praça continha o essencial a Isabela: amigas, bancos e meninos.

E foi numa dessas sextas-feiras que lhe sucedeu algo instigante. Depois de dado todo um processo de conquista, que envolvia desde a troca de olhares até o ‘esquema’ feito por uma colega, Isabela pôde iniciar seu ato profano escolhendo um banco e o menino. Apesar de não ser seu primeiro ficante, havia sempre um anseio, para não dizer receio, pelo desconhecido.

O menino desta vez era meio acelerado, apressado. Isabela não achava de todo ruim, gostava um pouco das coisas desse jeito. Era bem como o ditado que junta fome e vontade, deixando tudo nos conformes. E assim pensou até o momento que essa pressa se excedeu num toque mais acima das coxas. Um arrepio, um desconforto, um pinote e Isabela se levantou do banco zangada, sem nem tchau. Por impulso saiu batendo pernas pra casa. Sentia como se tivesse sido invadida, como se tivessem adentrado algo que era íntimo seu e que, no entanto, mal conhecia.

Tomou um banho ao chegar em casa. Pra distrair, o jantar com Dona Graça e a sessão novela das nove preencheram seu fim de sexta. Ainda assim, o

ocorrido de mais cedo vez ou outra passava pela cabeça e lhe tirava o foco da TV. Intimamente estava inquieta. Não demorou e o melodrama foi enjoando até decidir dormir antes do habitual. Pressentia que era na aconchego de sua cama que o melhor do dia lhe esperava.

Respirou fundo. Uma ousadia aquilo que estava a se permitir. E por que não? Ninguém haveria mesmo de saber o que iria acontecer ali. Seria segredo apenas seu e dos seus lençóis. Agora mais calma, se despiu lentamente do receio do remorso e se deu a percorrer o caminho que se desenhava em suas coxas. O arrepio, dessa vez controlado, não veio na companhia do desconforto nem do pinote. Quando um instante ápice veio de repente, Isabela reconheceu precoce uma das faces do que é ser mulher: na ponta dos dedos aprendera a dominar um novo mundo.